

RUMO A 98: Presidente reage à crítica do senador Pedro Simon de que o PFL tem muita influência no Governo

FH diz que quem manda é ele

Fernando Henrique defende a redução do tempo da campanha eleitoral para 1998

Gustavo Miranda

Cristiane Jungblut

BRASÍLIA

Criticado pelo senador Pedro Simon (PMDB-RS), que disse que quem controla o Governo é o PFL do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (BA), o presidente Fernando Henrique Cardoso reagiu ontem e disse que quem manda no Governo é ele e mais ninguém. As declarações de Simon já haviam provocado na véspera um bate-boca no plenário com Antônio Carlos.

— O Governo é comandado por mim, não pelo PFL. Quem manda no Governo é o presidente e ninguém mais. Não aceito, de maneira alguma, o epíteto de neoliberal — disse Fernando Henrique, cujas declarações foram repetidas mais tarde pelo porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral.

Dois dias depois da promulgação da emenda da reeleição, em entrevista ao grupo Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), do Rio Grande do Sul, Fernando Henrique falou também pela primeira vez sobre a campanha eleitoral de 1998, afirmando que, na eleição, quer continuar tendo na chapa o vice-presidente Marco Maciel. O presidente defendeu ainda a redução do tempo da campanha eleitoral gratuita no rádio e na TV, porque, em sua opinião, “perde-se muito tempo discutindo politicalha”.

Mas o presidente se apressou a dizer que é muito cedo para se falar da eleição do próximo ano e que a antecipação dos fatos é ruim para o país.

Ao falar sobre a nova estrutura da coordenação política do Governo, com a nomeação de Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) para líder na Câmara, Fernando Henrique disse que o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, vai continuar ajudando o líder e o ministro da Coordenação Política, Luiz Carlos Santos. Mas acrescentou que isso só será feito caso os líderes no Congresso ou Santos peçam apoio a Motta, num claro recado de que será reduzido o poder de articulação do ministro.

Presidente confirma realização de reforma ministerial em dezembro

Fernando Henrique também confirmou a realização de uma reforma ministerial em dezembro, afirmando que no próximo ano não pode contar com um “ministério flutuante”, cheio de candidatos. Ele reafirmou ainda a necessidade de se aprovar as reformas, apesar de “setores políticos que querem sabotá-las”, e pediu que se esqueça um pouco o assunto reeleição.

— Concorde que estamos vivendo o ano de 1997 como se já fosse o ano de campanha e acho isso muito ruim. A reeleição era uma tese, que deveria ser discutida independentemente do candidato, eu disse isso sempre. Até porque o candidato a gente só vai saber na hora oportuna. Quem é que sabe o que vai acontecer daqui a um ano? Isso é uma coisa muito prematura. Infelizmente,



FERNANDO HENRIQUE, em seu gabinete: “A reeleição era uma tese, que deveria ser discutida independentemente do candidato”

como diz o vice-presidente Marco Maciel, fulanizaram, deram nome aos bois. Complicou. Agora esse assunto está encerrado, vamos trabalhar pelo Brasil. Vamos esquecer a eleição, esperar mais um ano, passa tão rapidamente — disse Fernando Henrique.

Ao ser perguntado se manteria Maciel em sua chapa, respondeu:

— Se depender da minha vontade, Marco Maciel fica.

Para Fernando Henrique, é importante reduzir o tempo da propaganda eleitoral gratuita. O presidente também defendeu que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decida sobre o prazo de desincompatibilização de governadores e

prefeitos diante das novas regras que permitem a reeleição.

Mas Fernando Henrique lembrou que a Lei das Inelegibilidades já prevê um prazo de afastamento do cargo para governadores (de seis meses) e prefeitos (de quatro meses), não fixando qualquer prazo para o presidente da República.

O Governo sustenta que, segundo essa lei, Fernando Henrique pode concorrer sem deixar o cargo.

— A mim foi dito que a Lei de Inelegibilidades continua valendo. Se isso for verdadeiro, já existe uma regra. Se o TSE disser que não existe, o Congresso pode criar o que quiser. Sou favorável à

restrição do tempo de campanha, acho que é bom senso. Um dos males do Brasil é a politicalha, é passar muito tempo discutindo assuntos que não têm interesse para o povo. O povo está precisando que se resolvam problemas concretos. A política não pode ocupar o espaço todo da imaginação da sociedade. Isso irrita a população — disse.

O momento de maior irritação de Fernando Henrique foi ao comentar as declarações do senador Pedro Simon. O presidente disse que foi o próprio Congresso que decidiu não realizar qualquer referendo sobre a tese da reeleição e que Simon deveria saber disso.

— Não aceitei a sugestão de fazer um

referendo por uma razão muito simples: acho que o senador Pedro Simon não leu a Constituição. Entendo, ele está muito ocupado fazendo críticas ao Governo, não teve tempo de pensar melhor sobre a função do Congresso. O artigo 49, inciso V, diz o seguinte: é competência privativa do Congresso propor referendo e plebiscito. Portanto, não posso como presidente propor nada disso. Quando a proposta foi apresentada na Câmara, até externei simpatia. Mais tarde, o senador Esperidião Amin, presidente do PPB, deu testemunho de que propus ao partido fazer uma consulta popular. Não aceitaram. A Câmara derrotou. O senador Pedro Simon propôs no Senado e derrotaram a proposta. Como é que ele quer agora que eu atropelo o Congresso? Agora é lei. A gente tem que respeitar a democracia — afirmou o presidente.

E acrescentou:

— O senador Simon fala sempre em democracia. Esse artigo da Constituição é para quê? É para evitar que os presidentes governem diretamente com as massas, o que pode gerar, aí sim, o despotismo, o que eles chamam de cesarismo ou bonapartismo. Se me derem a possibilidade de eu pedir referendo ou plebiscito, peço logo para baixar salário de quem ganha muito, para obrigar uma porção de outras coisas às quais sou favorável e que está demorando para o Congresso apoiar.

Presidente confirma saída de Motta da articulação, mas o defende

Apesar de deixar claro que o ministro das Comunicações não vai mais comandar o esquema de articulação política, o Fernando Henrique defendeu o amigo Sérgio Motta.

— Em certos momentos, Motta atuou, a pedido dos partidos, ajudando os líderes, o Luiz Carlos Santos. É uma pessoa que tem personalidade política forte dentro do PSDB, assim como os que têm dentro do PMDB e do PFL. O ministro Motta nunca foi meu porta-voz. Quando quero, falo com qualquer ministro. Motta está fazendo um trabalho extraordinário na área das comunicações, com a maior transparência. Ele é muito competente e vai continuar ajudando o Luís Eduardo Magalhães e o Luiz Carlos Santos, mas ajudando como ministro, como os outros ministros também ajudam, fazendo um bom desempenho na sua pasta e, obviamente, defendendo o Governo. Não há mais razão, nunca houve razão específica a não ser quando os líderes pedem — disse Fernando Henrique.

O presidente ainda atacou as esquerdas, dizendo que elas estão perdidas, sem discurso para a campanha eleitoral e também os líderes dos movimentos dos sem-terra e sem-teto que promovem invasões, desafiando a legalidade democrática. ■